

## Artigo

# O pensamento político de Lucy Parsons: socialismo, luta de classes e organização<sup>1</sup>

*Arthur Guimarães de Castro\**

### **Resumo**

Lucy Parsons (1851-1942) foi uma militante socialista, anarquista e sindicalista revolucionária cuja atuação ocorreu do final do século XIX ao início do século XX nos Estados Unidos. Uma mulher não branca e participante do *Industrial Workers of the World* – IWW (*Trabalhadores Industriais do Mundo*, em tradução livre), se destacou como uma liderança do movimento operário norte-americano, em particular após a morte de seu marido no contexto da Greve Geral de Chicago de 1886, se tornando alvo constante das forças policiais. Seus escritos abrangeram diversas temáticas: (1) a defesa da luta de classes como ferramenta de transformação da sociedade, opondo os interesses dos trabalhadores e dos patrões; (2) a crítica ao reformismo e ao eleitoralismo, representados pelo sindicalismo moderado e pela socialdemocracia marxista; (3) a importância da organização entre os anarquistas e os problemas da desorganização; (4) a integração dos debates de gênero e de raça aos debates de classe, observando que a libertação das mulheres e das pessoas não-brancas só poderia ocorrer em colaboração com os homens e pessoas brancas da classe trabalhadora.

**Palavras-chave:** Anarquismo. Socialismo. Comunismo. Sindicalismo.

### ***The political thought of Lucy Parsons: socialism, class struggle and organization***

### **Abstract**

Lucy Parsons (1851-1942) was a socialist-anarchist activist and revolutionary trade unionist whose activities took place from the end of the 19th century to the beginning of the 20th century in the United States. A non-white woman and participant in the Industrial Workers of the World (IWW), she stood out as a leader of the North American labor movement, particularly after the death of her husband in the context of the 1886 Chicago General Strike. of police forces. Her writings covered several themes: (1) the defense of the class struggle as a tool for transforming society, opposing the interests of workers and employers; (2) criticism of reformism and electoralism, represented by moderate trade unionism and Marxist social democracy; (3) the importance of organization among anarchists and the problems of disorganization; (4) the integration of gender and race debates into class debates, noting that the liberation of women and people of color could only occur in collaboration with men and white working-class people.

**Keywords:** Anarchism. Socialism. Communism. Syndicalism.

\* Mestrando em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: [agocbr92@gmail.com](mailto:agocbr92@gmail.com)

**L**ucy Eldine González Parsons (1851-1942) foi uma socialista, anarquista e sindicalista que, do final do século XIX até meados do século XX, se tornou uma referência para o movimento revolucionário norte-americano. Sendo uma mulher racializada<sup>2</sup> da classe trabalhadora, ela reivindicou o sindicalismo como estratégia de organização e mobilização do proletariado, afirmou a importância da educação sexual para a juventude e, antecipando os Panteras Negras em cerca de 75 anos, defendeu que a população negra se armasse e reagisse, através da violência, contra o racismo e o governo. Contudo, apesar de sua enorme relevância histórica nas lutas populares, Parsons foi constantemente ignorada pelos movimentos de esquerda que eclodiram nas décadas de 1960 e 1970, e, “quando ela foi incluída na escrita acadêmica, geralmente não foi autorizada a falar por si mesma” (McKean, 2006, online). Ou seja, mesmo quando Lucy Parsons foi mencionada, essa menção normalmente veio acompanhada por um apagamento de seus posicionamentos políticos<sup>3</sup>.

Os motivos que poderiam ter levado a esse boicote seriam os mais variados: a sua perspectiva revolucionária, o que estaria em desacordo com a linha da maioria das pesquisas de gênero e de raça na academia, frequentemente vinculadas ao liberalismo progressista norte-americano; a sua vinculação explícita ao anarquismo, o que a tornaria desinteressante para certas alas da esquerda radical associadas ao marxismo; e, por fim, a sua insistência na centralidade da luta de classes e na necessidade de organização, o que se revelaria um inconveniente para certas parcelas do anarquismo

hegemônico nos Estados Unidos (Flood, 2005; Mckean, 2006). Assim sendo, esse artigo pretende auxiliar na compreensão do pensamento de Lucy Parsons, explicitando, brevemente, aspectos importantes de suas concepções políticas.

As raízes das ideias de Parsons podem ser encontradas em 1868, quando o anarquismo surgiu no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) a partir da teoria e da prática dos membros da Aliança, que contou com nomes como Mikhail Bakunin (1814-1876), James Guillaume (1844-1916), Eliséé Reclus (1830-1905) e Errico Malatesta (1853-1932). Ao longo dos anos seguintes, a doutrina anarquista – ou socialista libertária, como também ficou conhecida – rapidamente se espalhou para os mais diversos países e para as mais diversas camadas da sociedade. Em uma breve definição, o anarquismo<sup>4</sup> é uma forma de socialismo que busca, através de uma ruptura revolucionária e violenta, a abolição do Estado e do capitalismo, e sua substituição por um sistema de autogestão, ou democracia direta. A estratégia mais popular adotada e desenvolvida pelos anarquistas foi o *sindicalismo de intenção revolucionária*, que se subdividiu em *sindicalismo revolucionário*, cujos exemplos históricos foram a CGT francesa e a IWW nos países de língua inglesa, em especial nos EUA, e *anarcossindicalismo*, com a organização mais proeminente tendo sido a CNT espanhola. Através da auto-organização dos trabalhadores em sindicatos, os anarquistas apostavam no acirramento da luta de classes com agitação de greves e manifestações que desencadeariam um contexto de revolução.

O anarquismo, ao contrário do marxismo (ao menos num primeiro momento histórico, que é o recorte abordado nesse artigo), se dedicou a ampla mobilização da classe trabalhadora, em todos os seus segmentos: o proletariado assalariado do campo e da cidade, o campesinato e os marginalizados em geral. Essa flexibilidade permitiu aos anarquistas se expandirem para países considerados “atrasados” pelos marxistas, fosse na própria Europa (como era o caso da Espanha e da Itália), fosse em outros continentes (como é o caso do

México e da Coreia). Além disso, até que a Revolução Russa e a ascensão bolchevique causassem uma mudança de rumos, a maioria dos partidos marxistas estavam majoritariamente dedicados à estratégia eleitoral e reformista, o que contrastava fortemente com a prática de ação direta e de radicalidade que os adeptos do anarquismo adotavam (Skirda, 2002; Viana, 2013; Corrêa, 2022; Baker, 2023).

São nesses tempos que, em 1870, Lucy e seu marido, Albert Parsons (1848-1887), chegaram à cidade de Chicago, em meio a consolidação do capitalismo industrial e as tensões envolvendo a formação do sindicalismo. Eles eram um casal interracial, vindos do Sul dos Estados Unidos, marcado pelo racismo legal e pelo terror promovido por milícias vinculadas a Ku Klux Klan.

O contraste entre a pobreza e a riqueza gerou tensões de classe e, em 1867, os operários da cidade iniciaram o primeiro movimento pela jornada das oito horas de trabalho. Fabricantes da cidade recusaram-se a cumprir as exigências dos trabalhadores e, após cinco dias de greve, as autoridades reprimiram brutalmente a primeira greve de oito horas, marcando o início duma longa história de violenta repressão do trabalho (Williams, 2007, online).

Entre os anos de 1876 e 1877, Lucy e Albert se aproximaram da socialdemocracia marxista, mas, nos anos 1880, incomodados com a ênfase no eleitoralismo, se tornaram anarquistas. Em 1886, uma greve geral<sup>5</sup> de grandes proporções eclodiu em Chicago, reivindicando a redução das horas de trabalho diárias. A polícia reprimiu os protestos com brutalidade e vários líderes grevistas, incluindo Albert Parsons e outros quatro anarquistas, foram presos e, enfim, executados no ano seguinte<sup>6</sup>.

Desde então, Lucy Parsons se tornou uma figura célebre do movimento operário norte-americano, chegando a participar do *Socialist Labor Party*, da *International Working People's Association* e da *Industrial Workers of the World*. Nas décadas que se seguiram, ela continuou lembrando sobre o episódio de 1886 e defendendo que o único caminho para a emancipação da classe trabalhadora seria a via revolucionária. Nos anos 1920, Parsons também se

envolveu ativamente na campanha pela libertação dos imigrantes italianos e anarquistas Bartolomeu Vanzetti (1888-1927) e Nicola Sacco (1891-1927), que haviam sido condenados à morte, e empreendeu diversas iniciativas em apoio a outros socialistas e comunistas presos (Ashbaugh, 1976; Rosenthal, 2011).

### **1. Capitalismo, questão social e luta de classes**

Lucy Parsons era uma materialista – assim como outros célebres anarquistas, tais como Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin (1842-1921) – e, portanto, compreendia que a história humana era moldada a partir das condições materiais – isto é, da busca pela existência através do controle dos meios necessários para a vida. Ela denunciou o capitalismo como uma escravidão assalariada sob a qual a classe trabalhadora, ou *proletariado*, se encontrava submetida à classe patronal, ou *burguesia*. Entre essas duas classes também existiria um setor intermediário, alinhado aos burgueses, cujo objetivo seria “sustentar os ‘direitos de propriedade’” (Parsons, 1905e, online). Como parte dessa classe improdutiva, estariam “advogados, carcereiros, policiais, banqueiros, agentes e companhias de seguro e quase todos os chefes em todos os ramos da indústria” (Parsons, 1905e, online). A classe trabalhadora, que seria a única classe produtiva, com o seu trabalho, acabava por sustentar os capitalistas, os trabalhadores improdutivos e todas as demais camadas da população, como os desempregados e presidiários, que acabavam excluídas do acesso ao trabalho (Parsons, 1905e; Ashbaugh, 1976; Baker, 2023).

O sistema capitalista seria, fundamentalmente, baseado na mercantilização de todos os aspectos da vida, “no qual se você não pode pagar, você não pode ter” (Parsons, 1905d, online). A terra, o ar, a água e a luz se tornariam mercadorias, com o acesso só permitido pela compra, e aqueles que estivessem desprovidos de dinheiro acabariam, assim, condenados a morrer de fome. Milhões se encontrariam em situação de desamparo – sem terra e sem

teto –, pois a moradia havia se tornado uma questão de propriedade privada. Nesse sentido, também a moral estaria sendo impregnada de valores mercantis, acabando por se tornar um objeto a ser comprado e vendido.

Apesar da exploração e da crueldade a qual a classe trabalhadora estaria submetida, Parsons observou que a classe capitalista tentava convencer os trabalhadores de que as classes sociais não existiriam, ou pelo menos não de maneira significativa. Assim, os trabalhadores eram convencidos que “o filho de qualquer homem pode aspirar se tornar presidente destes Estados Unidos” (Parsons, 1905a, online). Uma vez que as fronteiras entre as classes sociais estavam sendo borradas, os trabalhadores acreditariam na possibilidade de ascender para camadas mais favorecidas e, conseqüentemente, não se organizariam enquanto classe trabalhadora para lutar por seus direitos.

Como ele vê que alguns da classe assalariada ocasionalmente escapam dela para a classe média, ele acha que talvez possa fazê-lo também; então ele suborna a si mesmo para se manter quieto, enquanto a injustiça e a opressão são vistas por toda parte. Se ele se une ao seu sindicato, é apenas algo temporário, ou por conveniência, já que ele espera se tornar um empresário ou aprender uma profissão, ou que seu filho se torne um empresário ou aprenda uma profissão, ou que sua filha se case com um homem rico ou que algo do tipo aconteça; e assim ele vai de ano em ano, subornando a si mesmo; enquanto isso a sua condição e de sua classe se torna cada vez mais desesperançosa (Parsons, 1905a, online)

A sociedade, ao não reconhecer as raízes sociais do problema – o capitalismo – também acabava sendo convencida por uma propaganda punitivista em relação ao crime. Para Parsons, a criminalidade nada mais seria do que uma consequência da desigualdade e da pobreza que o capitalismo produzia e, portanto, todos os clamores por prisões e punições seriam inúteis. Ao invés de investir na repressão estatal, afirmou, resultados melhores poderiam ser obtidos se a sociedade fosse transformada a fim de que as crianças pudessem crescer “sob as melhores condições possíveis” (Parsons, 1906, online).

Quão melhor isso seria do que construir prisões enormes e sombrias, supervisionadas por carcereiros, os quais enrijecem e corrompem suas naturezas ainda mais. E o caso também é verdade para assassinatos, legais ou ilegais, ou linchamentos. A mídia sensacionalista dá todos os sangrentos detalhes de tais ocorrências em manchetes enormes gritantes. [...] A comunidade se choca e imagina de onde tamanho monstro poderia ter saído. Outro candidato se inicia para a prisão ou para a forca. Assim, a longa procissão está sempre trilhando seu caminho através dos tempos. A velha bruxa de cabeça grisalha, a sociedade, joga suas mãos para cima em horror “sagrado” quando um dos seus filhos comete um ato horrível. Ela nunca reconhece o fato de que é apenas um reflexo das suas próprias maldades. O crime é apenas uma doença social (Parsons, 1906, online).

Como responsáveis parciais por confundir os trabalhadores em relação a sua condição de explorados, Lucy Parsons também apontou “os ensinamentos dos sindicatos reformistas [que] são baseados em falsas premissas, já que ensinam a ‘identidade dos interesses entre o capital e o trabalho’” (Parsons, 1905a, online). Mas, questionou Parsons, “se os interesses do capital e do trabalho são idênticos, por que ambos não pertencem à mesma organização?” (Parsons, 1905a, online).

Uma vez que o capitalismo se assentava sob uma realidade material, essa realidade precisaria ser transformada por meio da ação direta da classe trabalhadora, que deveria evitar as atitudes passivas do voto e da oração. Sendo a luta de classes um fato concreto que opõe os interesses dos assalariados aos dos patrões, os sindicatos deveriam ser organizações voltadas a conscientizar a classe trabalhadora sobre a necessidade do enfrentamento à classe capitalista. É importante destacar que Lucy Parsons fez parte da *Industrial Workers of the World* (IWW), uma organização adepta do sindicalismo revolucionário<sup>7</sup>, isto é, que promovia uma noção de combate radical contra os patrões visando uma sociedade socialista futura (Ashbaugh, 1976).

## 2. Estado, governo e eleições

Lucy Parsons, em consonância com os demais anarquistas, entendia o Estado – o conjunto de instituições políticas e jurídicas – como uma estrutura que, necessariamente, se basearia na centralização do poder “nas mãos de poucos” desconectados “do corpo do povo” (Parsons, 1886b, online). Todos os governos, eleitos ou não, seriam formados por uma minoria que é inevitavelmente confrontada por uma necessidade concreta: garantir a própria perpetuação no poder. Caso esse grupo fracassasse nesse intento, ele não teria condições de implementar seu projeto político e administrativo. Assim, os interesses da população acabariam por ser abandonados em detrimento da manutenção do poder governamental.

Durante o final do século XIX e o início do século XX, a maior parte dos partidos socialistas marxistas, organizados em torno da II Internacional, tinham como principal estratégia a atuação eleitoral e o avanço no parlamento burguês (Skirda, 2002; Baker, 2023). Apesar de ter, inicialmente, começado a sua atuação política com esse campo, Parsons logo passou a considerar que, “de todas as ilusões modernas, o voto foi certamente a maior” (Parsons, 1905c, online). O sufrágio se baseia no princípio geral de que a maioria estaria apta a decidir os rumos da nação e a minoria derrotada deveria se adequar a essa decisão. No entanto, uma vez no parlamento, os legisladores eleitos, supondo que sejam honestos, ainda assim precisariam estabelecer acordos uns com os outros para que pudessem aprovar quaisquer projetos – sob o risco de não atenderem minimamente os interesses de suas bases de eleitores e não serem reeleitos. No jogo de negociações que se seguiria, inevitavelmente algumas demandas seriam escanteadas, enquanto outras, diminuídas e distorcidas. Ao final, pouco dos interesses populares pleiteados inicialmente se manteriam no resultado obtido. Além disso, os lobistas dos interesses privados, representando



a classe dominante capitalista, também se fariam presentes, pressionando e cooptando os legisladores para encaminharem determinadas propostas, frequentemente à revelia da população (Parsons, 1905c).

O fato é que o dinheiro e não os votos é o que governa o povo. E os capitalistas já não se preocupam em comprar os eleitores, eles simplesmente compram os “servos” depois de terem sido eleitos para “servir”. A ideia de que o voto do pobre vale alguma coisa é a maior ilusão. A cédula é apenas o véu de papel que esconde os truques (Parsons, 1905c, online).

Portanto, as eleições e o parlamento apenas cumpririam a função de iludir a classe trabalhadora, pois as leis nunca seriam aprovadas, de verdade, em seu interesse. Além do mais, todas as discussões legislativas de combate ao crime, por exemplo, seriam muito melhor substituídas por uma transformação na sociedade que eliminasse a pobreza e garantisse acesso ao trabalho para todos, combinada a uma justa distribuição de riqueza sob o socialismo.

Os partidos socialdemocratas ou marxistas – nesse período esses termos eram sinônimos – também se apresentavam como “socialistas científicos”, e foram criticados diretamente por Lucy Parsons.

O socialismo científico (assim chamado) foi ensinado na Alemanha por mais de cinquenta anos. Os cientistas do Estado renunciaram ao princípio “Pai, Filho e Espírito Santo”, mas adotaram em seu lugar o texto: “Trabalhadores de todos os países, uni-vos!”. Essa bela fraseologia “brilhava” quando os representantes políticos da “ciência” (apoiados por mais de quatro milhões de eleitores) ajudaram seu senhor imperial a estabelecer uma taxa de guerra de um bilhão de marcos ou mais para o prosseguimento de uma guerra contra trabalhadores de outros países (Parsons, 1915, online).

O partido socialdemocrata alemão, o maior partido marxista europeu, quando a Primeira Guerra Mundial estourou, apoiou os esforços militares de seu país e “sufocou a tendência revolucionária, outrora tão promissora” (Parsons, 1915, online). A confiança no Estado-nação, por parte dos marxistas, se revelou determinante em sua adesão ao militarismo. Ironicamente, Parsons comentou que, se por um lado, a socialdemocracia acusava os anarquistas de

não avançarem em seus objetivos, por outro lado, o objetivo para o qual os socialdemocratas avançaram resultou em um desastre para milhões de trabalhadores (Ashbaugh, 1976).

### **3. Anarquismo, organização e revolução social**

Em contraste com a estratégia eleitoral adotada pelos partidos socialistas, Lucy Parsons, enquanto anarquista, defendia que a luta de classes deveria caminhar, necessariamente, para uma ruptura revolucionária. Inicialmente, simpatizou com o *anarquismo insurrecionalista*<sup>8</sup>, uma concepção estratégica baseada na realização de atos violentos como uma maneira de produzir um gatilho para um levante revolucionário da classe trabalhadora. Contudo, posteriormente, ela passou a considerar que atentados terroristas individuais não colaboravam para a conscientização dos trabalhadores, e passou a se alinhar ao que viria a se denominar *anarquismo de massas*, isto é, a defesa de que os anarquistas deveriam estar inseridos em organizações da classe trabalhadora – os sindicatos – de maneira a promoverem a radicalização da luta de classes (Rosenthal, 2011; Baker, 2023).

Para Parsons – assim como para o anarquismo em geral –, era improvável que uma transformação social significativa pudesse ocorrer por vias pacíficas, “pois a história mostra que toda tentativa de arrancar dos ricos e poderosos o que eles têm foi feita pela força” (Parsons, 1886b, online). No entanto, ressaltou Parsons, era importante não confundir o objetivo final – a sociedade anarquista – com “o período revolucionário, como as pessoas têm o hábito de fazer” (Parsons, 1886b, online). Durante a revolução, a classe trabalhadora estaria em guerra contra a classe capitalista, e ainda não haveriam as plenas condições materiais para a realização do socialismo libertário. Mas, conforme o proletariado avançasse contra os seus inimigos, o poder centralizado do governo deveria ser descentralizado para as organizações sindicais – que representariam o embrião da nova sociedade socialista,

organizando a classe trabalhadora em segmentos profissionais, como agricultores, sapateiros e outros. A economia seria socializada e a distribuição de bens ocorreria conforme as necessidades. Com o desenvolvimento tecnológico, o tempo de trabalho seria reduzido, e as pessoas teriam tempo livre para se dedicarem a atividades recreativas e intelectuais. No entanto, seria preciso que todos colaborassem com a sociedade e, por consequência, o trabalho seria uma exigência – sob a pena de perda de direito ao acesso de bens de consumo (Parsons, 1886b, online).

Ela demonstrou suas simpatias em relação a necessidade de uma organização especificamente anarquista, para além da organização sindical mais ampla, permitindo que seja compreendida como uma adepta do *dualismo organizacional* – a defesa de que os anarquistas deveriam se organizar tanto em nível social, enquanto classe trabalhadora, quanto em nível político, enquanto anarquistas (Flood, 2005; Corrêa, 2022). Em 1907, na esteira do Congresso Anarquista de Amsterdã, Parsons encarou de maneira positiva as sinalizações em favor de uma organização anarquista mais estruturada.

À causa anárquica (não houve nenhum movimento nos últimos anos) tem faltado um plano de atuação ou organização. Para ser honesta, de alguma forma houve, aqui e acolá, umas poucas pessoas que se juntaram e que, de um jeito solto, formaram algum tipo de grupo, chamando-se anarquistas, mas esses grupos foram formados, em sua maioria, por pessoas jovens e inexperientes que tinham tantas concepções sobre os verdadeiros objetivos do Anarquismo quanto membros integrando o grupo; como consequência disso o resultado foi, razoavelmente, o que se podia esperar. À causa anárquica tem faltado concentração de esforços e uma força intensificadora para dar energia e direção a um objetivo comum (Parsons, 1907, online).

Parsons observou que, na virada do século XIX para o XX, os anarquistas estavam menosprezando a necessidade de organização, o que acabava por dificultar a capacidade de intervenção deles na realidade. Até mesmo a publicação de periódicos, observou, costumava ter uma vida útil extremamente curta. Para contornar essas dificuldades, uma proposta

organizativa deveria vir acompanhada de “uma expectativa de responsabilidade de seus membros, tais como pagar cotas mensais e coletar fundos para propósitos de propaganda” (Parsons, 1907, online). Ela chegou a mencionar que, por defender uma linha organizativa mais rígida, era criticada por ser demasiadamente ortodoxa e ultrapassada.

Após a Revolução Russa de 1917, Lucy Parsons começou a demonstrar um incômodo cada vez maior em relação a maioria dos anarquistas dos Estados Unidos, pois entendia que eles estavam demasiadamente distantes das necessidades práticas da classe trabalhadora. Conseqüentemente, ela iniciou uma aproximação política com o Partido Comunista<sup>9</sup>, uma vez que estes estariam mais envolvidos com as lutas reais dos trabalhadores – o que a levou a ser repreendida por outros anarquistas norte-americanos, particularmente Emma Goldman (1869-1940). Em contrapartida, Parsons repreendeu os anarquistas de sua época por criticarem as organizações políticas alheias, mas não se dedicarem eles mesmos a apresentarem uma alternativa concreta e realista.

Em 1934, Parsons, em carta para um amigo, retomou suas críticas à desorganização do anarquismo, que continuava a ser representado por pequenos grupos dispersos que, ocasionalmente se reuniam em conferências e desapareceriam “até que outra conferência seja realizada” (Parsons, 1934, online). Para ela, esse tipo de prática fazia com que o anarquismo continuasse perdendo espaço junto à população, que ansiava por uma proposta política capaz de minimizar seu próprio sofrimento (Jones, 2017).

#### **4. Gênero, raça e nacionalidade**

Lucy Parsons não se limitou a discutir as questões de classe apenas no âmbito do sindicalismo, mas também debateu sua relação com as questões de gênero, de raça e de nacionalidade. Ela ativamente se colocou ao lado das comunidades de imigrantes, como os italianos, que se localizavam em bairros

miseráveis e pobres, e eram acusados de serem uma ameaça à pureza racial anglo-saxã. Também denunciou o imperialismo das potências capitalistas e, após 1917, defendeu a experiência soviética<sup>10</sup> diante da contrarrevolução da burguesia internacional (Ashbaugh, 1976; Jones, 2017).

A respeito do racismo contra a população negra, que se manifestava com brutalidade em massacres e linchamentos, particularmente nas regiões sulistas, Parsons defendeu que era preciso opor a violência do oprimido contra a violência do opressor, pois “os brancos do Sul não estão apenas semeando o vento que colherão na tempestade, mas a chama que colherão na conflagração” (Parsons, 1892, online).

Contudo, para além da autodefesa das comunidades negras, Parsons afirmou que era preciso compreender que o racismo não ocorria “sobre o negro porque ele é negro”, de maneira abstrata, mas “porque ele é mais pobre [...] do que seu irmão branco escravo assalariado” (Parsons apud Mckean, 2006, online). Assim, o que perpetuava a desigualdade entre brancos e negros não era, por exemplo, uma questão cultural ou de escolha individual, mas a desigualdade material. Se, no passado, a exploração escravocrata ocorria de maneira direta, realizada pelo chicote do feitor – isto é, pela força bruta –, no pós-abolição, o capitalismo a substituiu por uma escravidão indireta, baseada na chantagem econômica. A população negra, assim como o restante da classe trabalhadora, estaria ameaçada pela fome caso não se submetesse aos patrões e aos donos da propriedade privada. Dessa maneira, afirmou Parsons:

A mesma terra que uma vez você cultivou como escravo, você ainda cultiva como escravo assalariado, e na mesma cabana onde você entrou à noite, sem saber o que seria vendido e separado de sua esposa e filhos antes do pôr do sol do dia seguinte, você agora entra com medo de ser morto pelas mãos assassinas daqueles que antes simplesmente o teriam vendido se não gostassem de você (Parsons, 1886, online).

Assim como a eleição não serviu para abolir a escravidão, a mesma também não seria capaz de apaziguar a violência racista que estava a ser exercida contra a população negra. O único caminho para a emancipação do povo negro, defendeu Parsons, seria o mesmo caminho da classe trabalhadora como um todo, isto é, a emancipação econômica, o socialismo.

Não apenas a questão racial precisaria ser compreendida pela perspectiva classista, mas também os debates de gênero. Segundo Parsons, a dominação masculina sobre as mulheres tinha suas origens nos aspectos matérias da história da humanidade. No início, o sexo masculino – que, biologicamente, possuiria mais força física do que o sexo feminino – afirmou sua superioridade em relação às mulheres e as submeteu ao seu domínio. Com o passar do tempo, o homem “começou a adquirir propriedades, que ele desejou transmitir junto com seu nome à sua cria — e então a mulher se tornou a sua serviçal doméstica” (Parsons, 1905b, online). As mulheres, portanto, passaram as próximas gerações restritas ao trabalho doméstico, agindo como propriedade dos homens e reprodutora de suas crianças, até que, com a Revolução Industrial, a força física se tornou um fator cada vez mais secundário. Essa mudança “possibilitou à mulher que deixasse os estreitos confins da cozinha onde havia sido mantida por tanto tempo” (Parsons, 1905b, online). No fim, o progresso chegou e as mulheres passaram a estudar e obter diplomas universitários, e as previsões catastróficas atribuídas à igualdade das mulheres não se confirmaram. No entanto, reconheceu Parsons, o capitalismo se aproveitou desse fator positivo para aumentar a oferta de mão de obra disponível e, portanto, reduzir o salário da classe trabalhadora como um todo. Portanto, as mulheres deveriam atuar na luta contra o achatamento salarial, “ou seu trabalho se beneficiará de um prejuízo” (Parsons, 1905b, online).

Lucy Parsons defendeu os direitos reprodutivos e o acesso à educação sexual para os jovens, e condenou a censura governamental sobre o assunto. Ela também se manifestou favorável ao direito ao divórcio e contrária à

condenação moral sobre as mulheres prostituídas. Tendo sido, ela mesma, alvo de preconceitos, Parsons afirmou que “a mulher deve ser sempre livre para dispor de suas afeições como quiser” (Parsons apud Ashbaugh, 1976, p. 205). Na contramão de outros anarquistas do período, que pensavam a liberdade sexual sob uma abordagem voluntarista de mudança de estilo de vida<sup>11</sup>, Parsons afirmou que a libertação da mulher deveria estar associada a questão de classe e não poderia ser entendida como “uma como uma questão distinta” (Parsons apud Ashbaugh, 1976, p. 202). Uma vez que a classe trabalhadora era desprovida de independência material, por não possuir os meios de produção, também a maioria das mulheres, por serem pobres, frequentemente eram obrigadas a se manterem submissas aos maridos, pois, em caso de divórcio, não teriam para onde ir (Ashbaugh, 1976; Jones, 2017). Nas palavras de Parsons, “é a dependência econômica da mulher que torna possível a sua escravidão” (Parsons apud Ashbaugh, 1976, p. 202).

## **Conclusão**

Lucy Parsons foi adepta do anarquismo e, principalmente, do sindicalismo revolucionário, ao longo de sua vida, ou pelo menos, da maior parte de sua atuação política. O capitalismo, entendido como responsável pela cruel mercantilização da vida, resultava em pobreza e exploração, além de outras consequências, como a criminalidade. Parsons rejeitou tanto o sindicalismo reformista quanto o socialismo parlamentar, advogando que apenas a luta de classes, com uma finalidade revolucionária, poderia superar a exploração capitalista e a opressão estatal. Dentro do campo anarquista, ela certamente era uma organizacionista, defendendo que os anarquistas deveriam se unir em uma organização especificamente anarquista com regras explícitas pautadas por direitos e deveres.

No que se refere as questões de gênero e raça, Lucy Parsons entendia que elas só poderiam ser completamente resolvidas a partir de uma unidade entre oprimidos e explorados contra o sistema capitalista. As lutas por igualdade não poderiam ser realizadas por perspectivas formalistas (igualdade perante a lei), culturalistas (mudança de mentalidade) ou individualistas (vontade pessoal), mas a partir de lutas materiais associadas às questões mais amplas da classe trabalhadora. A conquista de direitos iguais para as mulheres, por exemplo, era um avanço, mas estava sendo instrumentalizada pela classe patronal para a redução de salários, e era preciso uma cooperação conjunta de ambos os sexos para a resistência classista. Já em relação a questão racial, a escravidão legal foi substituída por uma escravidão econômica que continuava a manter a população negra vítima de uma cruel exploração; além disso, principalmente no Sul dos EUA, movimentos racistas seguiam atacando as pessoas negras. Para conquistar sua libertação, o povo negro deveria não apenas estar preparado para se defender com o uso de violência, mas também buscar uma aliança com a classe trabalhadora mais ampla para a destruição do capitalismo.

**Arthur Guimarães de Oliveira Castro** é mestrando em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em História na Unisagrado. Graduando em Filosofia na UNIP. Professor pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

**Contato:** [agocbr92@gmail.com](mailto:agocbr92@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1940912878869640>

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-4797-983X>

Artigo recebido em: 07/06/2024

Aprovado em: 25/11/2024

Como citar este texto: CASTRO, Arthur Guimarães de Oliveira. O pensamento político de Lucy Parsons: socialismo, luta de classes e organização. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 10, nº 02, p. 232-251, 2024.



## Referências bibliográficas

ASHBAUGH, Carolyn. **Lucy Parsons: An American Revolutionary**. Charles H. Kerr Publishing Company, 1976.

BAKER, Zoe. **Means and Ends: The Revolutionary Practice of Anarchism in Europe and the United States**. AK Press, 2023.

CORRÊA, Felipe. **Bandeira Negra: discutindo o anarquismo**. Autonomia Literária, 2022.

FLOOD, Andrew. **Rescuing Lucy Parsons for the anarchist movement**. 05 de maio de 2005. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/andrew-flood-rescuing-lucy-parsons-for-the-anarchist-movement>. Acesso em: 03/11/2024.

JONES, Jacqueline. **Goddess of Anarchy: The Life and Times of Lucy Parsons, American Radical**. Basic Books, 2017.

MCKAY, Iain. **Lucy Parsons: American Anarchist**. 26 de março de 2013. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/anarcho-lucy-parsons-american-anarchist>. Acesso em: 03/11/2024.

MCKAY, Iain. **The Meaning of Anarchism Via Twelve Libertarians**. 2018. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/anarcho-the-meaning-of-anarchism-via-twelve-libertarians>. Acesso em: 03/11/2024.

MCKEAN, Jacob. **A Fury For Justice: Lucy Parsons And The Revolutionary Anarchist Movement in Chicago**. 17 de outubro de 2006. Disponível em: <https://lib.anarhija.net/library/jacob-mckean-a-fury-for-justice-lucy-parsons-and-the-revolutionary-anarchist-movement-in-chicago>. Acesso em: 03/11/2024.

PARSONS, Lucy. **The Negro: Let Him Leave Politics to the Politician and Prayers to the Preacher**. 03 de abril de 1886. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/lucy-e-parsons-the-negro>. Acesso em: 04/06/2024.

PARSONS, Lucy. **An Interview with Lucy Parsons on the Prospects for Anarchism in America**. 21 de outubro de 1886. Disponível em:

<https://theanarchistlibrary.org/library/lucy-e-parsons-an-interview-with-lucy-parsons-on-the-prospects-for-anarchism-in-america>. Acesso em: 03/11/2024.

PARSONS, Lucy. **Southern Lynchings**. 1892. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/lucy-e-parsons-southern-lynchings>. Acesso em: 05/06/2024.

PARSONS, Lucy. **Uma sinopse das metas e objetivos da IWW**. 05 de setembro de 1905a. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/parsons/1905/09/03.htm>. Acesso em: 17/05/2024.

PARSONS, Lucy. **Mulher: Seu Desenvolvimento Evolutivo**. 10 de setembro de 1905b. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/parsons/1905/09/10.htm>. Acesso em: 17/05/2024.

PARSONS, Lucy. **The Ballot Humbug**. 10 de setembro de 1905c. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/lucy-e-parsons-the-ballot-humbug>. Acesso em: 04/06/2024.

PARSONS, Lucy. **O que significa liberdade**. 08 de outubro de 1905d. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/parsons/1905/10/08.htm>. Acesso em: 17/05/2024.

PARSONS, Lucy. **Direitos de Propriedade vs. Direitos Humanos**. 22 de novembro de 1905e. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/parsons/1905/11/22.htm>. Acesso em: 04/06/2024.

PARSONS, Lucy. **Crime e Criminosos**. 25 de março de 1906. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/lucy-e-parsons-crime-e-criminosos>. Acesso em: 02/06/2024.

PARSONS, Lucy. **Uma iniciativa acertada**. 06 de novembro de 1907. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/parsons/1907/11/06.htm>. Acesso em: 17/05/2024.

PARSONS, Lucy. **Just a Few Stray Observations on “Political” Socialism, War, and the State**. Setembro de 1915. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/lucy-e-parsons-just-a-few-stray-observations>. Acesso em: 02/06/2024.

PARSONS, Lucy. **U.S. Anarchism in the 1930s**. 27 de fevereiro de 1934. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/lucy-e-parsons-u-s-anarchism-in-the-1930s>. Acesso em: 17/05/2024.

ROSENTHAL, Keith. Lucy Parsons: “More Dangerous Than a Thousand Rioters”. 06 de setembro de 2011. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/keith-roenthal-lucy-parsons-more-dangerous-than-a-thousand-rioters>. Acesso em: 03/11/2024.

SILVA, Rafael Viana da. **Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm: reflexões críticas de sua abordagem do anarquismo**. ITHA, 2013.

SKIRDA, Alexandre. **Facing the Enemy: a history of anarchist organization from Proudhon to May 1968**. AK Press, 2002.

WILLIAMS, Casey. **Quem é Lucy Parsons? Mitologização e reapropriação de uma heroína radical**. 23 de Dezembro de 2007. Disponível em: <https://ultimabarricada.wordpress.com/2019/02/22/quem-e-lucy-parsons-mitologizacao-e-re-apropriacao-de-uma-heroina-radical/>. Acesso em: 05/06/2024.

## Notas

<sup>1</sup> Todas as citações de referências em inglês foram traduzidas para o presente artigo.

<sup>2</sup> Lucy Parsons sempre se declarou descendente dos povos indígenas, mais especificamente da etnia Creek, apesar da imprensa e alguns pesquisadores alegarem que, na verdade, ela seria descendente de negros escravizados (Williams, 2007).

<sup>3</sup> Carolyn Ashbaugh, uma das principais biógrafas de Parsons, apresentou Lucy como afastada do anarquismo, o que evidenciou um certo desconhecimento sobre essa corrente política. Sua obra serviu como referência para marxistas de renome, como Angela Davis, que declarou que era possível distinguir entre uma Parsons mais infantil, anarquista, e uma Parsons mais madura, marxista. Contudo, conforme pesquisas mais acuradas demonstraram, não é correto afirmar que Lucy Parsons tenha realizado uma ruptura com o anarquismo (McKean, 2006; McKay, 2018).

<sup>4</sup> “O anarquismo é uma *ideologia* socialista e revolucionária que se fundamenta em princípios determinados, cujas bases se definem a partir de uma crítica da *dominação* e de uma defesa da *autogestão*; em termos estruturais, o anarquismo defende uma transformação social fundamentada em *estratégias*, que devem permitir a substituição de um sistema de dominação por um sistema de autogestão. O anarquismo emerge de uma relação entre determinadas práticas das classes dominadas e formulações de distintos teóricos e tem como objetivo transformar a capacidade de realização das classes dominadas em *força social* e, por meio do conflito social caracterizado pela luta de classes, substituir o poder dominador que surge como vetor resultante das relações sociais por um poder autogestionário, consolidado nas três esferas estruturadas da sociedade” (Corrêa, 2022, p. 104).

---

<sup>5</sup> Essa greve encontrou seu ápice no 1º de Maio, sendo a origem do Dia Internacional do Trabalhador (Williams, 2007; Corrêa, 2022; Baker, 2023).

<sup>6</sup> Mckay (2018) observou que importantes nomes do marxismo naquele período – como Friedrich Engels e Eleanor Marx – se distanciaram do anarquismo em Chicago e das mobilizações sindicais sob a sua influência.

<sup>7</sup> O sindicalismo revolucionário, ao contrário do anarcossindicalismo, defendia que os sindicatos não deveriam apresentar uma vinculação explícita a um programa político. Assim, para Parsons, as organizações de trabalhadores deveriam filiar seus membros independente de suas simpatias doutrinárias, podendo abarcar reformistas e revolucionários, anarquistas e marxistas, desde que estivessem dispostos a ação direta na luta por direitos.

<sup>8</sup> O anarquismo insurrecionalista poderia ser definido, majoritariamente, em torno de três eixos. O primeiro seria a aposta estratégica de que atos violentos, por parte de indivíduos ou pequenos grupos, poderiam estimular os trabalhadores em direção à radicalização. O segundo seria a preferência por pequenos grupos de afinidades em detrimento de organizações políticas e/ou sindicais, entendidas como excessivamente burocráticas. O terceiro seria a desconfiança em relação às lutas de curto prazo, como reformas, pois apaziguariam o conflito social (Corrêa, 2022; Baker, 2023).

<sup>9</sup> É importante reforçar que, pelo menos até os anos 1930, Parsons continuou se declarando publicamente uma anarquista, e não existem indícios de que ela teria mudado sua posição política. Para seus amigos, ela afirmou que não havia se filiado ao Partido Comunista e que sua aproximação com essa organização se devia ao fato de ser a única que – em sua opinião – mantinha algum tipo de atuação em proximidade com a classe trabalhadora (Mckay, 2013; Jones, 2017).

<sup>10</sup> Essa questão resultou, novamente, em uma polêmica política com Emma Goldman. Para Emma, após a repressão bolchevique contra Kronstadt, em 1921, se tornara inviável a manutenção de quaisquer práticas de solidariedade em relação ao Estado soviético. Para Parsons, as denúncias de anarquistas acabavam sendo repercutidas pela imprensa capitalista, que as instrumentalizavam para atacar o socialismo como um todo (Ashbaugh, 1976; Jones, 2017).

<sup>11</sup> Nesse período, significativos setores do campo libertário encampavam a bandeira do “amor livre”, que enfatizava uma campanha de conscientização sobre os benefícios de uma sexualidade aberta – múltiplos parceiros – em detrimento da exclusividade sexual da família monogâmica. Para Parsons, essa discussão estava ocorrendo descolada da realidade material da maior parte das mulheres da classe trabalhadora, pois, para muitas delas, a família monogâmica – com todos os seus problemas – era entendida como um espaço de apoio mútuo contra a opressão do Estado e da classe capitalista. Além do mais, relações livres não necessariamente se converteriam em um ambiente de libertação da mulher, uma vez que os homens ainda poderiam, por exemplo, se utilizarem de pretextos para não assumir a responsabilidade pelo cuidado das crianças. Assim sendo, as relações privadas entre indivíduos não deveriam ser consideradas como o foco principal de atuação política (Ashbaugh, 1976; Rosenthal, 2011).